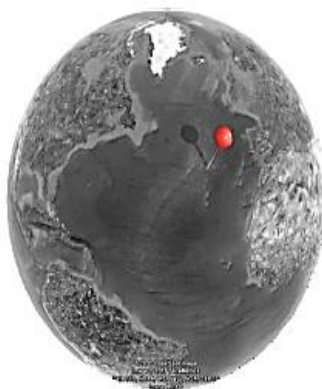




# PROPOSTA



## 3 – Proposta

### 3.1 – Fundamentos

a) Mais uma vez a sociedade faialense adopta o apelo “não apaguem as memórias”, agora em relação ao ícone da História das Comunicações transatlânticas – a **Trinity House** com o seu singular “**operating room**” e aos espaços históricos da sua envolvente urbana.

Não afectar este património impedindo a musealização da sua memória, deixará o Faial e os Açores numa posição incómoda, especialmente agora que têm surgido referências abonatórias da sua importância histórica (ex. a integração na exposição Comunicar na República e na obra de investigação que a suporta – [www.fpc.pt](http://www.fpc.pt) (p.87 – vidé extrato em anexo), aludindo à participação dos Açores na 1ª fase da globalização

De facto, poderá perguntar-se que alternativa de utilização poderá ser mais útil e ter maiores reflexos culturais do que a constituição do Espaço Museológico da Horta dos Cabos Submarinos.

b) Este projecto, já com um percurso de acompanhamento pelo Museu da Horta, pode ser lançado de forma progressiva e com baixo custo, assentando na criação de uma rede transnacional de centros históricos de cabo submarino.

### 3.2 – Opções museológicas

A par das tarefas parciais previstas no plano de trabalho (ex: a identificação dos equipamentos), desde o início (2009) que o Grupo ad hoc se preocupou com a reflexão sobre o modelo museológico.

Em causa estavam os factores a considerar nas circunstâncias presentes (das opções conceptuais às limitações financeiras) e, especialmente, a respectiva organização integrada (ref. modelo).

As reflexões com o Director do Museu da Horta e as pesquisas, os contactos e os pareceres permitiram um consenso sobre as linhas de orientação seguintes:

#### a) Paradigma das comunicações

Esta opção baseia-se nas informações recolhidas no Museu das Comunicações e do respectivo Grupo de Amigos. Assenta num parecer pedido ao Eng.º Joel de Almeida (Ex-Director deste Museu, ex-Conselheiro da Marconi e da PT, Vice-Presidente da Associação de Museus de Ciência e Curador e Coordenador Científico da exposição Comunicar na República), fundamenta-se na estrutura de conhecimento interdisciplinar subjacente



aos estudos sobre Comunicações e na proximidade com a organização dos museus de ciência.

A pesquisa sobre os museus de cabo submarino noutros países trouxe também informações relevantes, embora com modelos diferenciados sobre as entidades que participam na gestão.

#### b) Instalação in situ (Trinity House)

Trata-se de uma preferência de princípio mas que só passou a ser defendida quando se soube que o edifício Trinity House deixaria de ser utilizado nas suas funções actuais. E, ainda, quando se passou a conhecer referências sobre a singularidade histórica do "operating room".

Relevante é, de facto, a mais-valia que este edifício representa para a globalidade do projecto e para a projecção da imagem dos Açores na História das Comunicações.

#### c) Contextualização

Esta orientação cruza o sentido determinado pelas duas linhas de orientação anteriores e remete para a abordagem referida nos dois últimos parágrafos da **Introdução** (p.7). Assim, pelo paradigma Comunicações o tempo dos cabos submarinos "subordina-se" a lógicas científicas aplicadas aos processos de telegrafia submarina no "**contexto**" da evolução das comunicações (1) e pela instalação "in situ", o projecto obriga-se a uma lógica de "**contexto**" do próprio funcionamento original (2) (ainda dependente de trabalho em curso relativamente à montagem de circuitos sobre os percursos do sinal telegráfico).

Por outro lado, pela passagem de uma estrutura limitada aos espólios expostos "intramuros" para um **Espaço Museológico** integrado pelas envolventes que lhe são específicas e pela passagem do contexto local para a rede de parceiros que operaram conjuntamente, o projecto acolhe uma dimensão de grande solidez historiográfica.

#### d) Dimensões de extensão

Encaram-se duas dimensões de extensão, a que recorre a suportes virtuais para introduzir simulações dos elementos comunicacionais (1) e a que remete para objectivos de educação científica sobre fenómenos e processos do âmbito da Física (2).

A influência subjacente a esta opção decorre do estudo do funcionamento do mais importante museu de cabo submarino, em Porthcurno, e do parecer pedido a uma professora da Universidade de Manchester (e membro do Grupo de Amigos), Francisca Wheeler, com larga experiência no movimento de "learning outside the classroom".



### 3.3 - Núcleo da Trinity House

#### a) Afecção da zona do "operating room" para núcleo museológico

Este núcleo, implicitamente extensão museológica do Museu da Horta, deve ser considerado como elemento integrante do **Espaço Museológico**, de acordo com as rubricas 3.4 e 3.5.

Para além da salvaguarda de um património único, acresce, neste momento, um conjunto de circunstâncias favoráveis a esta afectação, a saber:

- O edifício vai ficar devoluto (houve o cuidado de obter a confirmação)
- A afectação necessária - apenas a zona assinalada (Fig nº 28 e 29) - deixa grandes áreas para outras utilizações
- O espaço a afectar dispõe de acesso autónomo
- O edifício apresenta-se em boas condições estruturais e dispensa obras de adaptação (por se tratar de museu in situ)

#### b) Classificação patrimonial

A importância histórica referida e a proposta de afectação, obrigam, em coerência, que seja preparado o processo de classificação patrimonial, por agora apenas no âmbito regional.

Esta classificação pode ser autónoma ou integrada globalmente nas referências do **Espaço Museológico** (vide nº 3.4)

#### c) Espaços e conteúdos

Os *esquemas* que se apresentam (Fig nº 34) balizam a solução espacial estudada para o Núcleo da Trinity House.

No "**operating room**" seriam concentrados os equipamentos telegráficos e painéis explicativos do seu funcionamento.

**Nos espaços circundantes** podem integrar-se os espólios iconográficos das memórias antropológicas e sociais (Fig nº 35).

#### d) Funcionamento

Reflectiu-se sobre três dimensões: os *recursos humanos*, o *horário* e os *tipos de visita*.

No primeiro caso, deve reter-se, essencialmente, os limites dos actuais meios do Museu da Horta e o eventual recurso ao regime de voluntariado.



No segundo caso, o horário e o nº de dias por semana, apenas se poderá sugerir que as eventuais dificuldades não devem impedir a entrada em funcionamento, porventura de forma progressiva e em regime reduzido.

Quanto aos tipos de “oferta”, visita simples, guiada ou promovendo a educação científica, só poderão ser desenvolvidos em função da preparação dos conteúdos (conforme sugere o parecer da Professora Francisca Wheeler) e da preparação dos intervenientes.

#### e) Ensaio expositivo

Propõe-se que seja preparada uma exposição experimental no “operating room”, pelo Museu da Horta, a inaugurar na **IV Conferência O Tempo dos Cabos Submarinos, no final de Julho de 2012**.

Seria reconstituída a exposição de 2010, agora alargada à evolução do trabalho de recuperação em curso pelos antigos cabografistas.

Deste modo, seria ensaiada a configuração do modelo expositivo projectado que estaria aberto ao público durante o verão de 2012.

Nessa altura, com a evolução prevista, **sugere-se que o Senhor Presidente do Governo Regional inaugure a exposição e anuncie as orientações da política cultural a aplicar ao conjunto de ideias e sugestões deste movimento.**

### 3.4 – Espaço Museológico da Horta dos Cabos Submarinos

Com o Espaço Museológico, de acordo com a análise feita anteriormente (vide pontos 2.6, 2.7 e 2.8), procura-se realçar a verdadeira dimensão do que foi e ainda é, na realidade física e na realidade virtual e imaginária, a vivência da epopeia das comunicações por cabo submarino.

Com a dimensão física de ordem arquitetónica (edifício apto a albergar o espólio e vivências que lhes estão afectas) e urbana (áreas e espaços onde se inseriu e desenvolveu o universo das comunicações na cidade da Horta) (Fig nº 27) considera-se, ainda, **um espaço de natureza virtual**, que permita estabelecer “parcerias de complementariedade” com os outros lugares e comunidades por onde passaram as comunicações por cabo submarino, estabelecendo assim laços de parceria para divulgação dos primórdios da telegrafia submarina no seu percurso nacional e transnacional (Fig. nº 38).

O Espaço Museológico de acordo com a análise apresentada nas rubricas 2.7 e 2.8, integra ainda o Roteiro do Cabo Submarino ou o Roteiro das Comunicações (Fig. nº 37).



### 3.5 – Rede de centros históricos de cabo submarino

O Espaço Museológico da Horta dos Cabos Submarinos não pode resumir-se ao que ficou ou se passou no Faial. Terá de reflectir as consequências internacionais (“o local” do “global”). De facto, a história das comunicações fez-se comunicando, numa lógica própria que integra os conceitos de emissor/receptor, de distância/duração e do outro (outra pessoa/outra local/outra cultura) e do factor “*nó*” na dinâmica em rede como singularidade dos respectivos sistemas e projectos político-económicos..

Pelos cabos submarinos telegráficos, entre o tempo da notícia que ia de barco e o tempo da TSF, os “mundos” foram-se ligando através dessa forma precursora que nos é mostrada pelos mapas das redes de cabos da Cable and Wireless, da Western Union, da Commercial Cable etc.

No seu contributo para a musealização desta epopeia do desenvolvimento humano universal, a Horta dos Cabos Submarinos deve assentar numa visão museográfica interactiva, que não prescindia da relação com os parceiros do Atlântico Norte e do Atlântico Sul que partilham memórias de características semelhantes.

Neste sentido, a constituição de **uma rede/roteiro dos sítios com relevância histórica** nos primórdios do cabo submarino merece grande atenção, na dimensão do próprio funcionamento em Espaço Museológico Virtual (vidé rubrica anterior) e na perspectiva de classificação de um património transnacional comum.

O estabelecimento desta rede de centros históricos deve ser desenvolvida progressivamente, podendo, em função dos dados disponíveis, iniciar-se pelo “**triângulo estratégico do Atlântico**” (Carcavelos, Horta, Mindelo).

Os membros da coordenação do Grupo dos Amigos têm vindo a desenvolver contactos com centros / museus em diferentes países, concertando diligências que possam conduzir aos objectivos e à estrutura do projecto global.

### 3.6 – Divulgação através do espaço cibernético

Além da informação sobre este movimento ao nível regional, em termos nacionais e no plano internacional, por contactos directos ou no âmbito das iniciativas já realizadas, sente-se a necessidade de um instrumento eficaz para o acesso a mais destinatários e para maior amplitude noticiosa.

O recurso à “internet” através de um site específico sobre a história da *Horta dos Cabos Submarinos* e os objectivos deste movimento não foi ainda desenvolvido e accionado, apesar de frequentemente solicitado.

Esta carência deve ser preenchida com urgência.





### 3.7 – Aprofundamento historiográfico

A proposta de natureza museológica que aqui se defende não atingirá a relevância e a credibilidade que justifica se não dispuser de **dados narrativos rigorosos**, de análise histórica consequente e de **um processo de investigação continuado**. Foi nesse sentido que se promoveu com o Museu da Horta um Colóquio interdisciplinar (vidé ponto 2.3) e se estabeleceram ligações com a Fundação Portuguesa das Comunicações (vidé ponto 2.5), que certamente vão continuar.

Este objectivo deve prosseguir, agora também junto de centros universitários nacionais e estrangeiros, que estão a pesquisar sobre a história das Comunicações e a história da globalização, acedendo-se a novas fontes (como é o caso mais recente do Arquivo Histórico do Ministério dos Negócios Estrangeiros) e à constituição de equipas de projecto, não só interdisciplinares, como interinstitucionais.

### 3.8 – A participação do Museu da Horta

a) A presente proposta foi “construída” a pensar que poderia integrar-se nos planos do Museu da Horta. A solução obrigatória de baixo custo assim aconselha com as orientações conhecidas de não se proliferar estruturas. A capacidade já instalada é uma mais-valia a explorar, desde já sobre os limites de ocupação e competências dos recursos humanos, para também ser ensaiada a solução praticada em projectos semelhantes de se contar com regimes de voluntariado. Entretanto, parte-se de uma boa plataforma de trabalho realizado. O percurso de questões concretas conseguidas em conjunto aconselha o empenhamento nesta via, que já deu resultados muito úteis. Por tudo isto, espera-se que prossiga a boa cooperação que tem assegurado até agora excelentes perspectivas para esta nova valência do Museu da Horta.

Neste âmbito, não se esquece que para o Director do Museu da Horta, apesar da sua atitude colaborante, o que mais lhe interessa, logo, a sua prioridade principal é a aprovação das obras de alargamento do edifício principal do Museu, o que, naturalmente, como transmitiu, condiciona a sua visão museológica sobre a organização das relevâncias da história local.

b) Entretanto, em termos imediatos, seria muito importante que o Museu da Horta se responsabilizasse pelas tarefas seguintes, que aliás têm feito parte dos contactos estabelecidos:



#### 1ª prioridade (urgente)

- Reconstituição da exposição **A Horta dos Cabos Submarinos**, actualizada;
- Apoio à fase conclusiva da identificação dos equipamentos e eventuais reparações, permitindo a montagem de circuitos;
- Lançamento de um site que integre o património do tempo dos cabos submarinos

#### 2ª prioridade

- Concepção da montagem experimental daquela exposição no “operating room” para a IV Conferência de O Tempo dos Cabos Submarinos, durante o verão de 2012;
- Realização do inventário dos equipamentos;
- Realização do inventário de todo o restante acervo sobre cabos submarinos;

#### 3ª prioridade

- A análise dos restantes aspectos constantes desta proposta, estudo dos pareceres e das diligências já realizadas e debate sobre a concepção global e a organização funcional das áreas do projecto (Trinity House, espaço museológico e rede de sítios históricos de cabo submarino).

